

Paulo Fagundes Visentini

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

e o Declínio da Europa



ALTA BOOKS
E D I T O R A
Rio de Janeiro, 2014

SUMÁRIO

DO “SÉCULO DE PAZ” À GRANDE GUERRA	XIII
AS GRANDES POTÊNCIAS: DO LIBERALISMO AOS IMPÉRIOS COLONIAIS (1890–1904)	1
O declínio da Pax Britannica e o fim da Diplomacia Bismarckiana.....	1
As potências emergentes e a II Revolução Industrial e Tecnológica.....	7
Os novos impérios, sua rivalidade e a partilha do mundo colonial.....	11
A “PAZ ARMADA”: O CAMINHO PARA A GUERRA (1904–1914)	27
As massas na política: nacionalismo e socialismo.....	27
A geopolítica e os projetos estratégicos	31
Os blocos militares e os conflitos prévios nos Balcãs e no Oriente	35
A GRANDE GUERRA: DA OFENSIVA AO EQUILÍBRIO (1914–1916)	43
O confronto na Europa Ocidental: do movimento às trincheiras	43
A frente russa: o elemento de equilíbrio do conflito	54
As frentes secundárias: Balcãs, Oriente Médio, mundo colonial e guerra naval	57
TENSÕES INTERNAS, MANOBRAS DIPLOMÁTICAS E RUPTURAS (1916–1917)	65
A frente interna, da União Sagrada à contestação popular	65
Da guerra à revolução: a ruptura russa e a agitação na Europa	67
O impasse militar e as manobras diplomáticas.....	72
A GRANDE GUERRA: O DESFECHO INESPERADO E OS PROJETOS INVIÁVEIS (1917–1918)	75
Estados Unidos: da mundialização da guerra ao avanço da Entente.....	75
Da última ofensiva alemã à capitulação dos Impérios Centrais	80
O colapso dos impérios multinacionais e os novos Estados étnicos	83
A CONTINUAÇÃO DO CONFLITO E A DIPLOMACIA FALHADA NO PÓS-GUERRA (1919–1923)	89
O custo da guerra, os acordos de paz e o precário Sistema de Versalhes ..	89

As guerras civis russa e europeias e as revoltas anticoloniais.....	97
A crise do liberalismo e a instabilidade europeia nos anos 1920	115

CONCLUSÃO: O DECLÍNIO DA EUROPA E O CAMINHO PARA UMA NOVA GUERRA MUNDIAL	119
---	------------

CRONOLOGIA DA GUERRA E DA DIPLOMACIA	125
---	------------

LISTA DE MAPAS E TABELAS	135
---------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA INDICADA	137
------------------------------	------------

ÍNDICE	141
---------------	------------

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL
E O DECLÍNIO DA EUROPA

INTRODUÇÃO

DO “SÉCULO DE PAZ” À GRANDE GUERRA

O Centenário da Primeira Guerra Mundial, ou *Grande Guerra*, está sendo marcado por diversos seminários acadêmicos, documentários na televisão e publicações com farto material iconográfico para o grande público. Todavia, a visão historiográfica que embasa tal produção parece ter retrocedido em muitas décadas, com a reintrodução de debates superados, como o *da responsabilidade pelo desencadeamento da guerra*. Pior, ela é orientada não apenas contra o velho inimigo das potências vencedoras, a Alemanha, mas aos novos, a Rússia e a Sérvia. Assim, este livro busca introduzir o tema aos estudantes e ao grande público desde uma perspectiva crítica a tais interpretações, bem como explicar os fundamentos e as forças motrizes do desencadeamento, da evolução e do desfecho do conflito. O clichê da Guerra de Trincheiras criou a percepção de uma guerra “irracional”, sem sentido. Mas a primeira grande conflagração militar da era industrial, como toda ação política, tem uma explicação coerente, apesar das aparências.

A importância e o significado da Primeira Guerra Mundial têm sido negligenciados pelos estudos históricos, provavelmente porque esse formidável conflito tenha sido seguido, vinte anos depois, por outro, materialmente ainda mais devastador, a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, a Grande Guerra de 1914–1918 possui um sentido histórico mais abrangente, em muitos aspectos, que a de 1939–1945, pois marca a transformação de uma crise e de um antagonismo econômico estrutural em um confronto aberto e generalizado entre os polos dominantes do mundo, no qual a Europa perderá a primazia mundial, o liberalismo entrará em crise e o sistema internacional capitalista sofrerá sua primeira ruptura, com o triunfo da Revolução Soviética.

Esse devastador conflito, que encerrou a era otimista da *Belle Époque* (simbolizada pela Exposição Universal de Paris em 1900), teve no naufrágio do transatlântico Titanic, em 1912, o prenúncio

simbólico do fim de uma era e o início de grandes tragédias e inesperadas transformações. Abriu espaço para a Revolução Socialista na Rússia, para crise do universo liberal, para a ascensão do nazi-fascismo, para a emergência da Grande Depressão econômica e para a ainda mais devastadora Segunda Guerra Mundial, o que contribuiu para que ela ocupasse um lugar mais modesto na historiografia. Mas é preciso considerar que a Guerra de 1914–1918 inaugurou o século XX, com tudo o que ele viria a representar, *A Era dos Extremos*, segundo o historiador Eric Hobsbawm.

Contrariando um paradigma posteriormente estabelecido, essa foi uma guerra desencadeada entre democracias, ainda que alguns dos contendores fossem regimes autocráticos, como a Rússia e a Turquia (uma em cada aliança rival). A Alemanha e o império austro-húngaro, bases da Tríplice Aliança ou Impérios Centrais, eram democracias com parlamentos no pleno exercício de suas funções, da mesma maneira que a Grã-Bretanha e a França, líderes da Tríplice Entente. O próprio movimento operário socialista, apesar de organizado formalmente numa internacional, cindiu-se em seções nacionais e, majoritariamente, apoiou as respectivas elites no desencadeamento desse novo tipo de conflito de custos então incalculáveis.

O que teria levado a Europa da *Belle Époque* a mergulhar em tamanha carnificina? Obviamente a competição imperialista entre as potências ascendentes da Segunda Revolução Industrial, oligopólico-fordista, constitui o fundamento último do processo, o que é óbvio. Mas as formas e desdobramentos são muito mais complexos. O velho império marítimo inglês, dominante no século XIX, fora obrigado a reconstituir o colonialismo, numa reação defensiva frente aos nascentes competidores, em particular a dinâmica Alemanha bismarckiana. Isso em meio a um contínuo mercado pela exacerbação do sentimento nacionalista, base da cisão das novas nações e também considerado então como um antídoto ao internacionalismo socialista.

Havia no imaginário dos Estados Maiores Militares a memória da fácil vitória prussiana sobre a França de Napoleão III em 1870. Após o assassinato do herdeiro austríaco em Sarajevo, também se

cogitava uma nova guerra balcânica limitada, como o foram as de 1912 e 1913. Mas havia, igualmente, um clima tenso desde que a expansão colonial esgotara suas possibilidades em 1904, num mundo já dividido em esferas de influência. O aprofundamento das alianças diplomáticas e a corrida armamentista conhecida como *Paz Armada* que se seguiram, apesar de impressionantes e ameaçadores, eram encarados ainda como parte do tradicional equilíbrio europeu instituído com a Paz de Westfália em 1648, atualizada com o Congresso de Viena de 1815.

Todavia, as forças armadas que deveriam protagonizar a guerra idealizada como rápida e de baixo custo constituíam agora exércitos de massa, dotados de armamento e organização típicas da sociedade industrial. Iniciado o conflito no verão de 1914, bastaram alguns meses de operações móveis no norte da França para que se estabelecesse um equilíbrio entre os beligerantes, que se entrincheiraram. Setecentos quilômetros de sistemas de trincheiras, barreiras de arame farpado, blindagens, posições de tiro, postos de observação, cercas eletrificadas, torres de artilharia e campos minados se estendiam do Mar do Norte à fronteira suíça.

Então teve início a carnificina que eliminaria o camponês europeu como força histórica. Embora o gás, o tanque, o avião, o lança-chamas e os canhões gigantescos (como o Grande Bertha) tenham feito sua aparição triunfal, tratava-se de armas que apenas posteriormente se tornariam eficazes, após melhoramentos técnicos e emprego pelos exércitos na base de novas estratégias. A grande matança seria feita pela metralhadora e por barragens de artilharia durante os ataques frontais. A lama, as infecções, as privações e epidemias (como a Gripe Espanhola) completariam o quadro. Dois anos após o desencadeamento do conflito, teriam início as greves nas fábricas, os “levantes da fome” (civis), as insubordinações e motins nas trincheiras.

Mas, no leste, os exércitos alemães avançavam na Rússia, que se desintegrava, enquanto no mar ocorria a guerra submarina, com o fim de responder ao bloqueio naval britânico. As colônias alemãs foram perdidas e as operações na Ásia, Oceania e África foram rapidamente encerradas, com exceção da guerrilha alemã

na Tanganika. Apenas no Oriente Médio a luta prosseguiria até 1918, com episódios tão épicos como diplomaticamente ambíguos, os quais viriam a constituir a base de futuros conflitos na região, especialmente envolvendo árabes e judeus. Na frente principal, a Batalha de Verdun levou a guerra ao paroxismo, com um massacre de dimensões incalculáveis. A ocupação de territórios minúsculos e sem importância chegava a custar a vida de centenas de milhares de homens, enquanto os aprazíveis campos, bosques e aldeias francesas lembravam uma devastada paisagem lunar.

Ao equilíbrio e ao esgotamento dos contendores somou-se o colapso da Rússia czarista e a insatisfação social generalizada, levando os Estados Unidos a ingressarem no conflito, em 1917. A Rússia buscava sair da guerra por meio de um acordo com a Alemanha, articulado pelo segmento germanófilo da corte russa, sob a influência de Rasputin. Ele foi assassinado e o Czar foi derrubado, numa manobra que pegou desprevenida a revolução social que se articulava. O Governo Provisório manteve o país na guerra, fazendo a tensão crescer. Mas a Rússia pouco podia fazer e os EUA apenas enviavam material e dinheiro, pois necessitavam de tempo para preparar um exército apropriado. O Tio Sam recém convocara os jovens americanos, que pouco sabiam das condições do conflito, por meio do famoso cartaz de recrutamento com a expressão *I want you*.

Enquanto isso, apesar da falta de recursos e homens, a Alemanha se valia de sua impecável organização, que Lenin batizou de *capitalismo de Estado*, o qual foi capaz de manter em pé uma coalizão regional contra outra global. Mas todos os contendores, cansados, jogavam com o tempo, com iniciativas por vezes insólitas. Tentando facilitar a saída da Rússia da guerra, que liberaria seus exércitos para um golpe final no ocidente, a Alemanha autoriza a passagem de Lenin por seu território, pois o líder bolchevique se encontrava exilado na Suíça. Em 7 de novembro de 1917, a revolução socialista derruba o Governo Provisório, propõe a paz geral e negociações com a Alemanha. A proposta de Lenin, ignorada pelos governos beligerantes, teve boa acolhida entre os fatigados soldados e a população.

Isso levou o presidente americano, Woodrow Wilson, a lançar sua versão da paz em janeiro de 1918, por meio dos famosos Quatorze Pontos. Mas a Rússia Soviética saía da guerra (e a contrarrevolução iniciava a guerra civil interna) e os generais alemães lançavam a ofensiva de verão contra os ocidentais. Contudo, esses estavam reforçados pelos americanos, dispondo de abundante material. Embora o exército alemão recuasse organizadamente, sem estar derrotado, sucede-se em algumas semanas a derrocada de seus aliados. Em setembro, a Bulgária, convulsionada por levantes e motins, capitula, sendo seguida pela Turquia Otomana em outubro e, logo, pelo império austro-húngaro, quando a esquadra hasteou a bandeira vermelha e as nacionalidades proclamaram a secessão.

Percebendo que a resistência era inútil, pois as potências da Entente avançavam pelo vale do Danúbio, unidades da marinha germânica, a quem fora ordenado novo e inútil embate contra os britânicos, também hasteavam a bandeira vermelha. A agitação social ganhava as ruas e a Alemanha capitulava sem que seu território houvesse sido ocupado. A paz seria dura para os vencidos, enquanto os impérios multinacionais se desintegravam em meio ao caos e à revolução. A revolução alemã seria esmagada em janeiro de 1919, mas os conflitos sacudiriam a Europa oriental até o fim do ano, com a derrota dos socialistas. Na Rússia, as operações militares durariam até 1922, com o fracasso dos Brancos e das forças de intervenção, e, no Oriente Médio, os combates ainda durariam até o ano seguinte.

A Primeira Guerra Mundial foi o primeiro conflito a ter mais mortos civis (9 milhões) do que militares (8 milhões), além de mais 6 milhões de vítimas da Gripe Espanhola no imediato pós-guerra. A *Belle Époque* dava lugar a um continente com milhões de mutilados e desempregados, num clima sombrio e pessimista, que se expressaria artisticamente no surrealismo e no dadaísmo, mas também nas versões políticas de extrema direita, como o fascismo. A vitória da Revolução Soviética completava o simbolismo de uma ordem que havia sido quebrada, dando lugar a manifestações como *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler. Os im-

périos alemão, austro-húngaro, turco e russo deixavam de existir, gerando um vácuo geopolítico.

Apesar da Liga das Nações ser liderada pela França e pela Inglaterra, ela era marcada por uma visão voltada ao passado, tendo a Europa deixado de ser o centro dinâmico do mundo. Mas os verdadeiros vencedores também não estavam à altura dos acontecimentos, pois os Republicanos norte-americanos se impunham e optavam pelo isolacionismo diplomático. Assim, o mundo ficou dividido, com o liberalismo em crise, movimentos irracionais, convulsão social e as sementes de uma nova guerra esperando apenas o momento propício para germinar. A primeira guerra da sociedade de massas deixava como legado o fim da Europa dos imperadores e aristocratas, o fim de um mundo e de uma época, e o nascimento de um século marcado por violências e resistências intensas.

Agradeço profundamente à Editora Alta Books pelo apoio a este projeto editorial, executado com profissionalismo e em tempo recorde. E também ao mestrando Guilherme Ziebell de Oliveira, da Pós-Graduação em Estudos Internacionais da UFRGS, que preparou os mapas que compilei a partir dos atlas referidos na bibliografia e de pesquisas pessoais. Seu auxílio tem sido vital para a viabilização de vários projetos.

Paulo Fagundes Visentini
Oxford, março de 2014

AS GRANDES POTÊNCIAS: DO LIBERALISMO AOS IMPÉRIOS COLONIAIS (1890–1904)

O declínio da *Pax Britannica* e o fim da Diplomacia Bismarckiana

As raízes da Primeira Guerra Mundial se encontram na década final do século XIX, quando a Alemanha se torna uma grande potência industrial e abandona a diplomacia bismarckiana, voltada à contenção da França na Europa, e a Grã-Bretanha perde a capacidade de controlar, simultaneamente, o equilíbrio europeu de poder e a hegemonia sobre o sistema mundial. O Imperador Guilherme II demitiu Bismarck e decidiu tornar a Alemanha uma potência naval e mundial, o que se chocou com os interesses ingleses. Em lugar do equilíbrio geral, surgiu uma política bipolar de alianças, que conduziria, posteriormente, ao desencadeamento da guerra. Isso apesar da forte conexão econômica entre as nações (o mundo vivia um ciclo de globalização) e de os monarcas inglês (Eduardo VII), alemão (sobrinho deste) e russo (Nicolau II) serem parentes.

A *Pax Britannica* e seu declínio

O período de mais de um século compreendido entre 1770 e 1890 foi marcado pela predominância inglesa sobre o sistema mundial, consagrada como *Pax Britannica*. Em 1776 dois acontecimentos anunciam o início de um novo ciclo histórico: a proclamação da independência das treze colônias inglesas da América do Norte e a publicação do livro “A riqueza das nações”, do britânico Adam Smith. Ironicamente, a perda de suas treze colônias norte-americanas não significou um revés da Grã-Bretanha ascendente.

Pelo contrário, representou uma derrota para o desgastado colonialismo mercantilista e para o Estado inglês. Assim, ainda que o meio século posterior a 1770 tenha sido marcado por graves perturbações internacionais, a Revolução Industrial inglesa afirmou-se progressivamente, consolidando a ascensão do país e colocando-o numa posição de vantagem qualitativa sobre os demais, situação jamais alcançada até então por qualquer outra nação.

O desafio mais sério enfrentado pela Grã-Bretanha na primeira fase de sua predominância foi a Revolução Francesa (1789–99) e o Sistema Napoleônico (1799–1815). Com a derrota napoleônica, a Inglaterra assegurou sua hegemonia internacional, num sistema baseado no *Equilíbrio de Poderes na Europa* e no *Imperialismo livre-cambista no plano mundial*. O objetivo britânico, plenamente atingido no Congresso de Viena, era evitar a hegemonia de uma única potência sobre a Europa, ou a aliança entre várias delas, que pudesse tornar o continente uma força coesa na política mundial.

A materialização dessa estratégia consistia em manter uma balança de poder entre as potências europeias, nas quais estas consumiriam suas energias e potencialidades, sobretudo em disputas territoriais e dinásticas. Além disso, as potências continentais, reunidas na Santa Aliança (Rússia, Prússia, Áustria e, desde 1818, França), despenderiam parte de seus esforços nas tarefas de repressão social contra as revoluções de cunho popular, liberal e nacional (como as de 1820, 1830 e 1848), minando sua capacidade de renovação.

Com a Europa continental contida, a Grã-Bretanha afirmava o livre comércio como princípio supremo do sistema internacional. Na posição de *Senhora dos Mares* e de *Oficina do Mundo*, a nova potência hegemônica assegurava sua supremacia sobre um *Império Informal*, já que o colonialismo tradicional recuara, dando lugar à Divisão Internacional do Trabalho, fundada numa livre concorrência que só poderia ser vencida

pela única nação industrial, ela mesma. A condição insular da Grã-Bretanha foi extremamente importante, pois representava segurança a custos reduzidos, uma barreira para os rivais e uma “estrada oceânica” para o mundo.

Londres manteve apenas as colônias de povoamento (Canadá, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia), parte da Índia (que pertencia até 1853 a uma Companhia privada) e pontos estratégicos militares e comerciais em volta do mundo, geralmente ilhas, como parte de uma infraestrutura imperialista que foi sendo conquistada gradativamente, num plano geopolítico muito bem-concebido (Cingapura, em 1819; Malvinas, em 1833; Aden, em 1839; Hong Kong, em 1841, entre outras). Geralmente era a partir dessas bases que a marinha britânica realizava suas intervenções contra os governos recalcitrantes à aplicação do livre comércio.

Os Estados Unidos da América (EUA), neste quadro, gozava de uma posição particular. Desde sua independência até 1850, os EUA tiveram uma modesta participação internacional, concentrando seus esforços na expansão territorial, que os transformaria num país de dimensões continentais, do Atlântico ao Pacífico. A partir de então, o capitalismo americano conheceu uma arrancada impressionante. O PIB passou de US\$ 7 bilhões em 1850 para 30 em 1870 e 88 em 1900, enquanto cresciam a população e a imigração europeia, numa nação cortada por ferrovias transcontinentais e cidades em expansão.

O sucesso da *Pax Britannica*, entretanto, dialeticamente gerava os elementos de sua própria negação e superação, pois, desde meados do século XIX, a industrialização expandia-se pelo continente, particularmente no norte da França, Bélgica e oeste dos Estados alemães, avançando depois ao longo das vias de comunicação, em direção ao sul e ao leste. Ganhava fisionomia a “economia nacional”, isto é, o nascimento da indústria moderna dentro dos limites do Estado Nacional. A industrialização revolucionava as estruturas dos países onde era implantada,

servindo de base para a emergência do nacionalismo e, em seguida, de potências desafiantes à liderança inglesa.

Esse processo, aliás, obrigava a Inglaterra a envolver-se, gradualmente em cenários antes excluídos de seus interesses, como foi o caso da *Questão do Oriente*, nos Balcãs, Mediterrâneo Oriental e na passagem para a Ásia. Nesta região, o declínio do império turco-otomano (O “Homem doente da Europa”) colocava Londres em confronto com a Rússia, que buscava abrir uma passagem para o Mar Mediterrâneo. Esse confronto de interesses conduziu à Guerra da Criméia (1853–56), na qual a Grã-Bretanha e a França derrotaram a Rússia. Desde a década de 1870 a Inglaterra também se encontrava presente no Egito, onde foi construído o canal de Suez (1859–69).

Os novos desafios à *Pax Britannica*

As revoluções burguesas “clássicas” (inglesa, americana e francesa) ocorreram quando a indústria moderna ainda não estava constituída, permitindo uma aliança entre a burguesia emergente e os setores populares, unidos contra o absolutismo e os privilégios da nobreza e do clero. Essa combinação de forças possibilitou a liderança burguesa e legou regimes constitucionais, depois também parlamentares e, finalmente, liberais, forjando as estruturas jurídico-sociais necessárias ao desenvolvimento capitalista industrial. No entanto, com as revoluções de 1848, o proletariado passou a ser considerado um aliado perigoso, o que a Comuna de Paris veio drasticamente a confirmar em 1871.

Os anos que se seguiram a 1870 trouxeram uma profunda transformação na situação internacional. Uma das principais causas foi a crescente desigualdade no ritmo de desenvolvimento própria do capitalismo, fenômeno que na Europa se manifesta com clareza no rápido progresso industrial da Alemanha, país anteriormente atrasado. Na fragmentação da Alemanha, e também da Itália, países como França, Rússia e Áustria percebiam uma importante garantia para sua segurança. Mas com os